

AAP

MONOGRAFIAS
1



CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

Título

Monografias AAP

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Carlos Quaresma, João António Marques

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia de capa (cabeça de terracota localizada na c/Almendralejo 41, Mérida)

M. Bustamante

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

ISBN

978-972-9451-55-3

Depósito legal

396123/15

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- 7 Prefácio
João António Marques
- 9 Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos
José Carlos Quaresma
- 13 *Terra sigillata Italica* from Caladinho (Redondo, Portugal)
Rui Mataloto; Joey Williams
- 25 Um contexto construtivo de época tardo augustea em *Augusta Emerita*
Macarena Bustamante
- 41 Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios, Lisboa
Rodrigo Banha da Silva
- 69 Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)
Vitor Pereira, Alcina Cameijo, António Carlos Marques
- 85 Um contexto do segundo quartel do século II: a vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão
José Carlos Quaresma, Vítor Dias
- 105 *A figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – última fase de produção
Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda, Inês Alves Ribeiro
- 117 Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): séculos III-V
Cézer Santos, Jorge Raposo, José Carlos Quaresma
- 149 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*
António Manuel S. P. Silva, Pedro Pereira, Teresa P. Carvalho, Filipe Pinto, Laura Sousa

A FIGLINA DO MORRAÇAL DA AJUDA, PENICHE – ÚLTIMA FASE DE PRODUÇÃO

Guilherme Cardoso¹, Severino Rodrigues², Eurico Sepúlveda², Inês Ribeiro²

¹ Assembleia Distrital de Lisboa

² Associação Cultural de Cascais

Resumo

Identificada ocasionalmente, em 1998, a olaria romana do Morraçal da Ajuda revelou-se como uma das mais antigas da Lusitânia.

Fundada no tempo do imperador Augusto por um *negociator* romano, Lúcio Arvénio Rústico, produzia maioritariamente ânforas para o envasamento de conservas do pescado das águas do mar de Peniche.

Em 2011, uma escavação preventiva na área nascente do sítio revelou uma bolsa de rejeitados, da última fase daquela *figlina*, com produções anfóricas e de cerâmica comum, acumuladas sobre um edifício de taipa. O estudo deste conjunto permite-nos apresentar a sua tipologia e atribuir cronologia para a última fase de laboração da *figlina*.

Palavras-chave: Fornos romanos, Estruturas, Nova tipologia, Peniche, Portugal.

Abstract

In 1998, during the earthmoving works, at Morraçal da Ajuda, archaeological structures of one of the most ancient amphorae kilns, of Roman times in Lusitania, were found.

Established by Lucius Arvenius Rusticus, a Roman *negociator*, the *figlina* had as its main production amphorae aiming the transport of fish preserves and maybe salted fish.

In 2011, an archaeological survey took place in the western side of the *figlina*.

A dumping pit of rejected amphorae and common ware, belonging to the last phase of production was found over a building of mud walls.

This paper aims to present a new amphorae typology and the chronology of the last phase of the *figlina*.

Keywords: Roman kilns, Structures, New amphorae typology, Peniche, Portugal.

1. INTRODUÇÃO

Quando, em 1998, tomámos contacto com o sítio arqueológico do Morraçal da Ajuda encontrámos um antigo terreno agrícola rebaixado e planificado por máquinas de modo a preparar o piso para a construção de três courts de ténis (Cardoso; Gonçalves; Rodrigues, 1998, p. 178-179).

Numa rápida observação apercebemo-nos que tinham sido retiradas grandes camadas do solo que cobrira originalmente o local ficando unicamente o substrato geológico a descoberto, excepto no caso de algumas bolsas com materiais arqueológicos e a câmara de um grande forno de cerâmica romano, cortado pela máquina.

Ficámos, no entanto, com a dúvida do grau de destruição que teria sofrido o sítio arqueológico não só nos trabalhos de terraplanagem mas também de séculos de lavoura e erosão natural.

Após várias campanhas de escavações arqueológicas de curta duração, levantamentos topográficos com estação total¹ e comparação com antigos levantamentos topográficos do sítio pelo serviço de topografia da Câmara Municipal de Peniche (CMP), foi possível obter uma noção exacta das destruições.

Numa das plantas da CMP, para além de estarem localizadas valas para alicerces², de um edifício que esteve previsto para o local, abertas por volta de 1970 (que foi fundamental para compreender a existência de uma vala que identificámos durante a escavação de S5), estavam também desenhadas as curvas de nível do terreno.



Figura 1 – Planta do sítio arqueológico com a marcação das valas abertas nos anos 70 do século XX (rectângulo a negro), das estruturas arqueológicas já conhecidas e identificação dos cortes topográficos realizados.

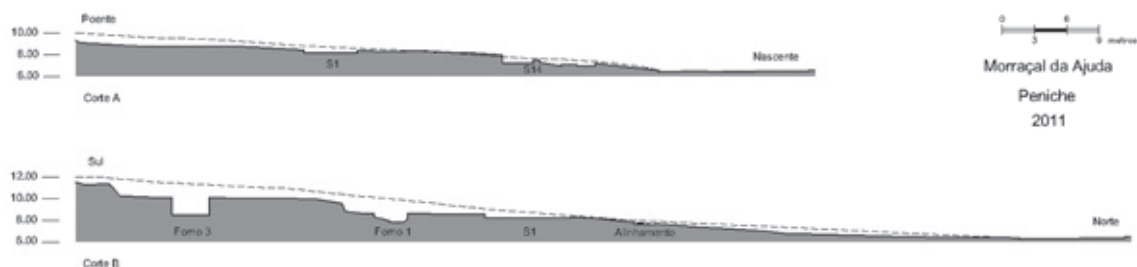


Figura 2 – Cortes topográficos realizados de Poente para Nascente e de Sul para Norte. A linha a tracejado indica o topo do terreno original, a cinzento representa-se o corte do terreno actual após as sondagens arqueológicas.

Segundo os cálculos realizados, tendo como base o relevo indicado na planta já referida do município de Peniche, à escala 1:2000, e os levantamentos to-

pográficos mais recentes, foi removido um volume de terra de cerca de 2163 m³ durante a obra de terraplanagem de 1998.

¹ Realizados por José António de Oliveira, a quem agradecemos a colaboração graciosa de anos de trabalho que tem desenvolvido desde 1998.

² Mais tarde o arqueólogo Adriano Constantino, natural de Peniche, informou-nos de que ainda eram visíveis há cerca de 30 anos.

Esta diferença foi obtida através da modelação digital do terreno antes e depois dos referidos trabalhos, tratando-se pois de um volume de terra muito significativo que explica a ausência da maior parte das camadas de terra dos níveis superiores que ali teriam existido até 1998.

Justifica-se assim, a sua presença unicamente na área poente das envolventes das terraplanagens, bem como a Norte e Oriente, nos pontos mais baixos do sítio arqueológico. Nesses locais verificou-se que o sítio esteve sujeito a trabalhos de lavou- ra, bem como ao efeito erosivo da escorrência das águas pluviais durante séculos e, por último, ao nivelamento do piso pela terraplanagem.

Quanto aos estratos mais antigos, identificados desde os inícios da escavação, revelaram-se signifi- cativos, não deixando dúvidas quanto ao início da laboração da *figlina* durante o principado de Au- gusto. No entanto, ao analisar os cortes topográficos “A” e “B” (figs. 1 e 2) verificamos facilmente que as camadas de terra que saíram entre o forno 3 e a son- dagem S1 chegavam a atingir uma espessura de mais de um metro de altura, o que nos permite afirmar

da viabilidade da existência de um ou mais fornos, de pequenas dimensões, como será de especular³. Nesses fornos poderiam ter sido cozidos os peque- nos recipientes de paredes finas e de cerâmica co- mum de que recolhemos fragmentos e que teriam laborado entre os principados de Augusto e Tibério.

2. ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 2011

No seguimento de um projecto de musealização dos fornos 1 e 3, a pedido da Câmara Municipal de Peniche, efectuámos sondagens de diagnóstico numa área na zona nascente do sítio do Morraçal, para avaliar o impacto arqueológico da construção de um caminho de acesso aos referidos fornos.

Foi assim aberta uma sondagem com 16m de comprimento por 2m de largura, que se iniciou jun- to ao passeio da Rua Calouste Gulbenkian até uma área perto do forno 1, que tinha sido rebaixada, em 1998, e se sabia estar no substrato geológico, onde não havia qualquer vestígio arqueológico. Para um registo mais simples, a sondagem foi dividida em três secções.

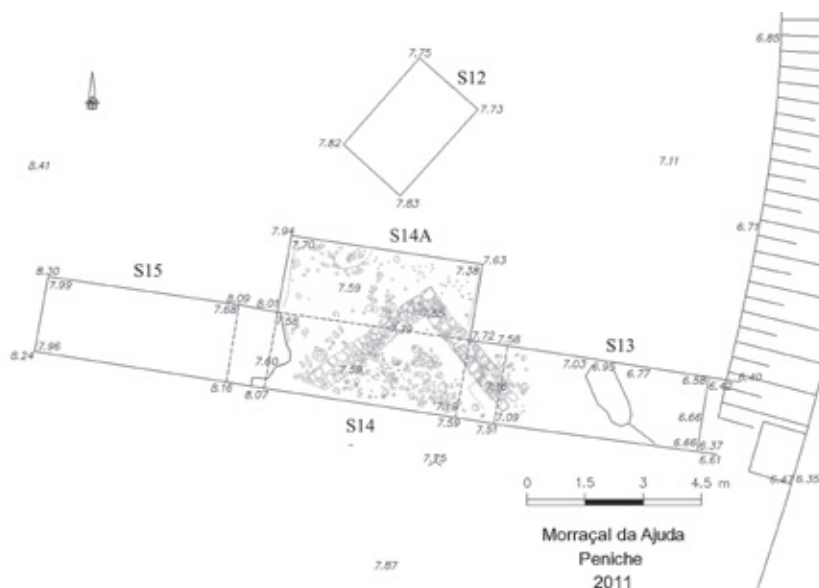


Figura 3 – Planta de localização das sondagens efectuadas no ano de 2011.

³ Durante a apresentação da comunicação no congresso de homenagem a Françoise Mayet, realizado em Setúbal, em 2004, o Professor Jorge Alarcão perguntou-nos se tínhamos identificado

algum forno pequeno, como seria de esperar, para cozer as pe- ças de pequenas dimensões.

2.1. S13

Localizada no plano mais inclinado das sondagens, a Poente do lancil do passeio, era composta por três camadas em que a primeira e segunda, estavam muito revolvidas, apresentavam materiais de plástico, vidro e entulhos de obras que teriam para ali sido levados durante a construção dos blocos de apartamentos construídos no lado oposto da rua, bem como alguns materiais romanos (fig. 13). A terceira camada continha raros materiais romanos, muito fragmentados e todos ligeiramente rolados devido à pendente do terreno.

2.2. S14

Abriu-se inicialmente um rectângulo de 2m x 5m. A primeira camada da sondagem tinha sofrido um grande revolvimento pelos trabalhos das máquinas de terraplanagem, sendo frequente o aparecimento de pedaços de ferros de obra, fragmentos de tijolos, azulejos, argamassa recente, plásticos e cerâmica romana entre as quais um separador de cozedura idêntico aos encontrados em Mérida (Bustamante Álvarez, 2012, p. 428 e 429, fig. 19, 2 e 3). A segunda camada embora com algumas intrusões de materiais recentes encontrava-se menos revolvida.

Abaixo da segunda camada, do lado Poente, principiou a aparecer uma camada de argila cinzenta e restos das paredes de um forno, enquanto do lado nascente aflorava uma terceira camada de entulhos de rejeitados.



Figura 4 – S14. Na parte superior pode observar-se os vestígios do muro de taipa, de argila cinzenta, seguido do depósito de rejeitados na parte inferior.

Aprofundando a camada de argila cinzenta verificou-se que existia sob ela um muro de alvenaria no sentido Norte-Sul, que se prolongava para além dos extremos, e outro, Oeste-Este, no sentido da S13. Para confirmarmos que estávamos em presença de um edifício, ampliámos a largura da sondagem mais dois metros para Norte (S14A).

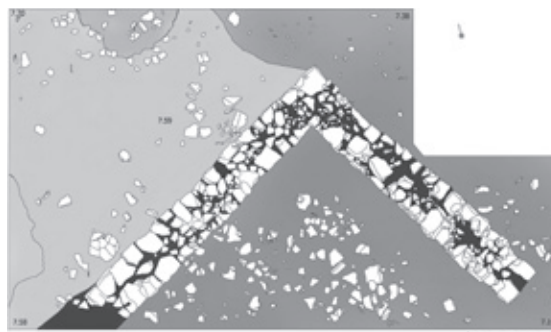


Figura 5 – S14. Planta do alicerce de alvenaria seca que suportava as paredes de taipa em S14 e S14A.

2.3. S14A

A mesma edificação revelou ser um edifício de taipa que assentava sobre uma base de alvenaria seca irregular. Desconhecemos as suas funções e o seu tamanho, pois foi apenas parcialmente escavado.

Não se trata da única construção em terra encontrada na *figlina* do Morraçal. Em 1998, tinha-se observado que as paredes externas do forno 1 eram de adobe, mas que, devido ao calor das sucessivas fornadas a que foram sujeitas, cozeram, visto que se encontravam em contacto com a zona de aquecimento (Cardoso; Rodrigues, 2002, p. 6).



Figura 6 – S13 e S14. Vista das sondagens, tirada de Nascente para Poente.



Figura 7 – S14, vista de poente para nascente. Alicerce onde assentava o muro de taipa.

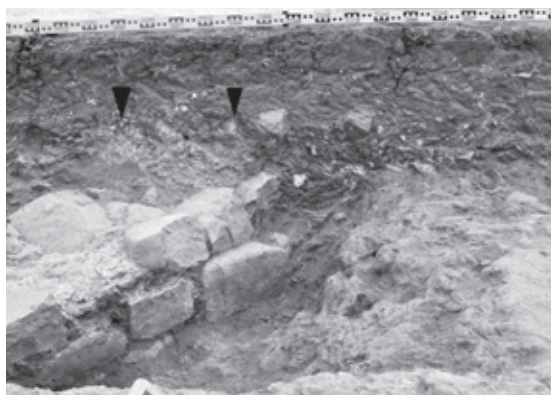


Figura 8 – S14, fotografia do corte sul. Entre as setas, restos de parede de taipa sobre alvenaria seca.

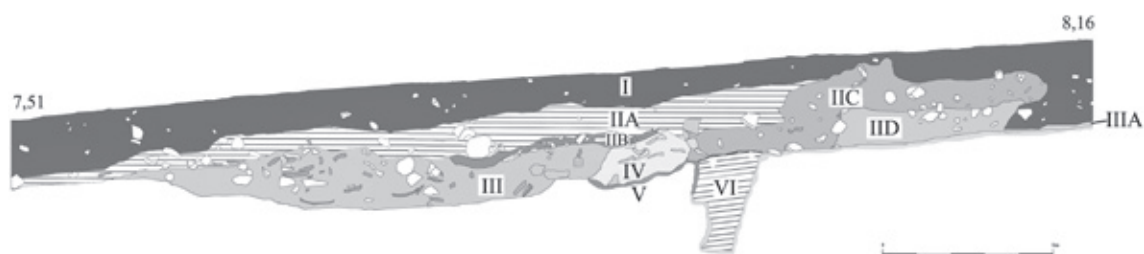


Figura 9 – S14, corte sul. Camadas estratigráficas naturais. I, camada de solo bastante remexido; IIA-D, várias bolsas de terra com algumas intrusões recentes; III e IIIA, camadas preenchidas com argila e materiais romanos; IV, bolsa com argila proveniente da desagregação da taipa; V, alicerce de alvenaria seca; VI, bolsa que serviu para extrair argila e posteriormente preenchida com fragmentos de paredes de fornos romanos.

Embora sejam raros os exemplos deste tipo de *opus* (taipa), conhece-se outras estruturas em época romana, como sejam as identificadas em Idanha-a-Velha, por Pedro Carvalho, na área do *forum* da *civitas Igaeditanorum*, datáveis da época de Augusto (Carvalho, 2010, p. 1-9). São estruturas difíceis de identificar devido à utilização de terra na sua construção (figs. 4 e 9), que com o passar dos anos tende a diluir-se, com a chuva, tornando-se impossíveis de identificar se não forem observados os devidos cuidados que requerem durante a sua escavação. O edifício em questão encontrava-se construído numa área de um antigo barreiro onde os oleiros romanos ter-se-ão abastecido de argila. Não se encontrou nenhum indicador que possibilite saber qual a cronologia referente à construção; no entanto, o seu interior encontrava-se coberto por um depósito de rejeitados de produção (fig. 9, camada III),

constituído essencialmente por fragmentos de ânforas dos tipos Peniche 10 e 12⁴ (fig. 14).

Fragmentos do tipo Peniche 12 apareceram aplicados na estrutura do forno 1, assim como na parede da galeria entre o *prae-furnium* e a câmara de combustão deste forno (figs. 10 e 11), pelo que se pode afirmar serem rejeitados provenientes das últimas fornadas efectuadas no forno 1, o que indicia que o edifício, *supra*, se encontrava em ruínas já em meados do século II d. C.

⁴ Tipologia que se encontra presentemente no prelo (Actas do Congresso de Tróia, 2013), (fig. 12).



Figura 10 – Forno 1. Metades de ânforas do tipo Peniche 12, que serviram, conjuntamente com os tijolos de adobe, para a construção da parede da câmara de cocção.



Figura 11 – Forno 1. Fragmentos de ânfora do tipo Peniche 12 encastrados na parede entre o *praefurnium* e a câmara de combustão.

2.4. S15

Tal como nas sondagens anteriores, também a primeira camada tinha sofrido um grande revolvimento devido aos trabalhos das máquinas de terraplanagem, sendo frequente o aparecimento de fragmentos recentes de tijolos, azulejos, argamassa e plásticos. A segunda camada é idêntica à da S14.

A terceira camada tinha pouca espessura e cor-

respondia ao topo da camada de argila esverdeada uma continuidade do que se tinha observado durante a intervenção arqueológica em S1, onde os estratos mais profundos (fig. 9, camadas IID e IIIA) continham as cerâmicas da primeira fase de laboração da *figlina*, em contacto com bolsas de argila esverdeada, local (figs. 15 e 16).

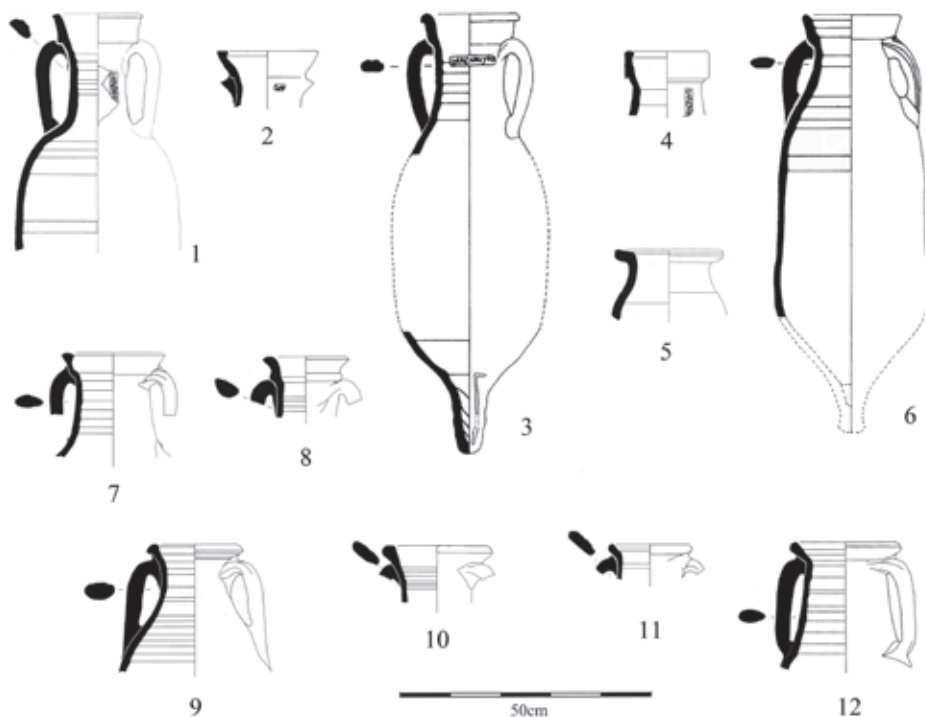


Figura 12 – Tabela tipológica das produções de Peniche.



Figura 13 – Fragmentos de ânfora de S13, camadas I e II. Nº 3, Peniche 12; nºs 1, 2, 4 e 5, indefinidas.

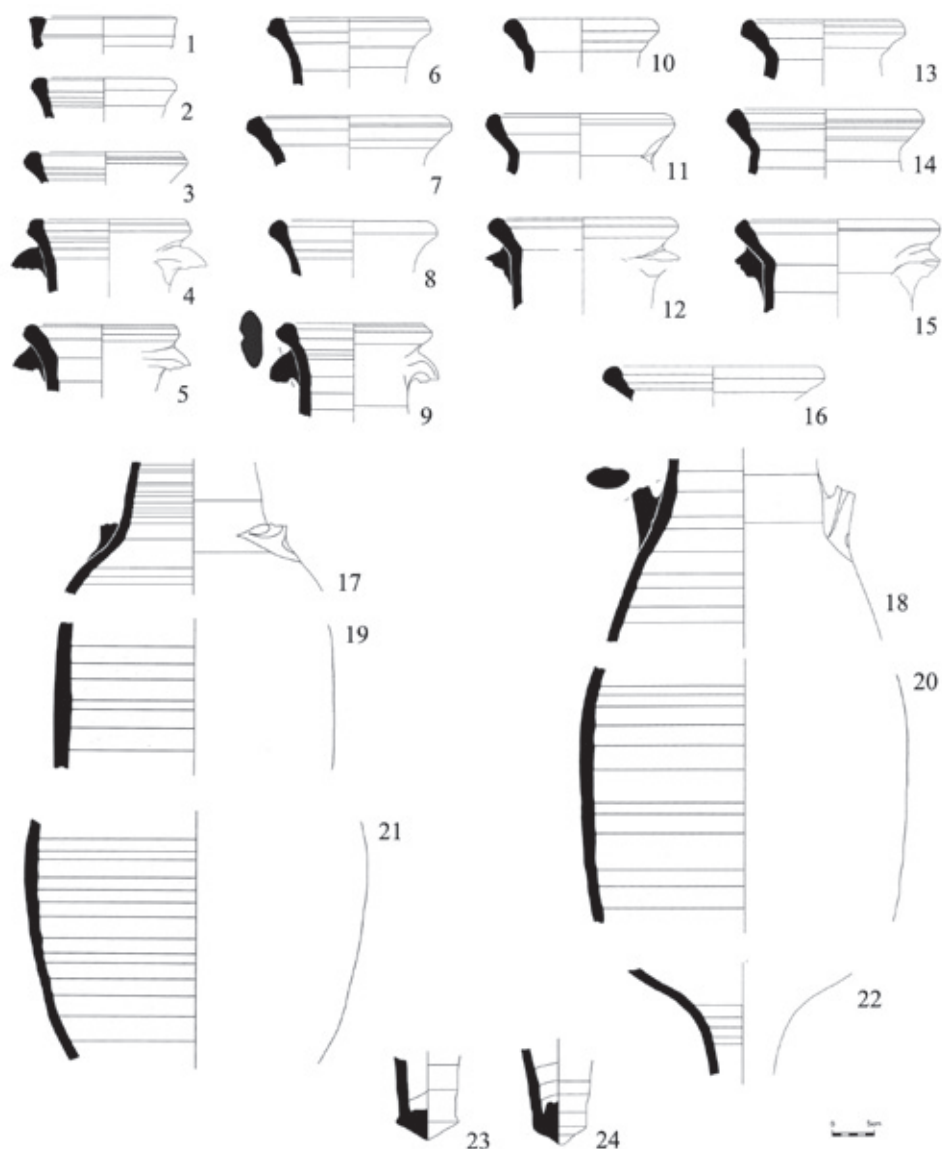


Figura 14 – Fragmentos de ânforas recolhidos em S14, camada III: Nº 1, Peniche 7; nºs 2-9, Peniche 10; nºs 10-16, Peniche 12; nºs 17-22, bojos indefinidos; nºs 23-24, pés indefinidos.

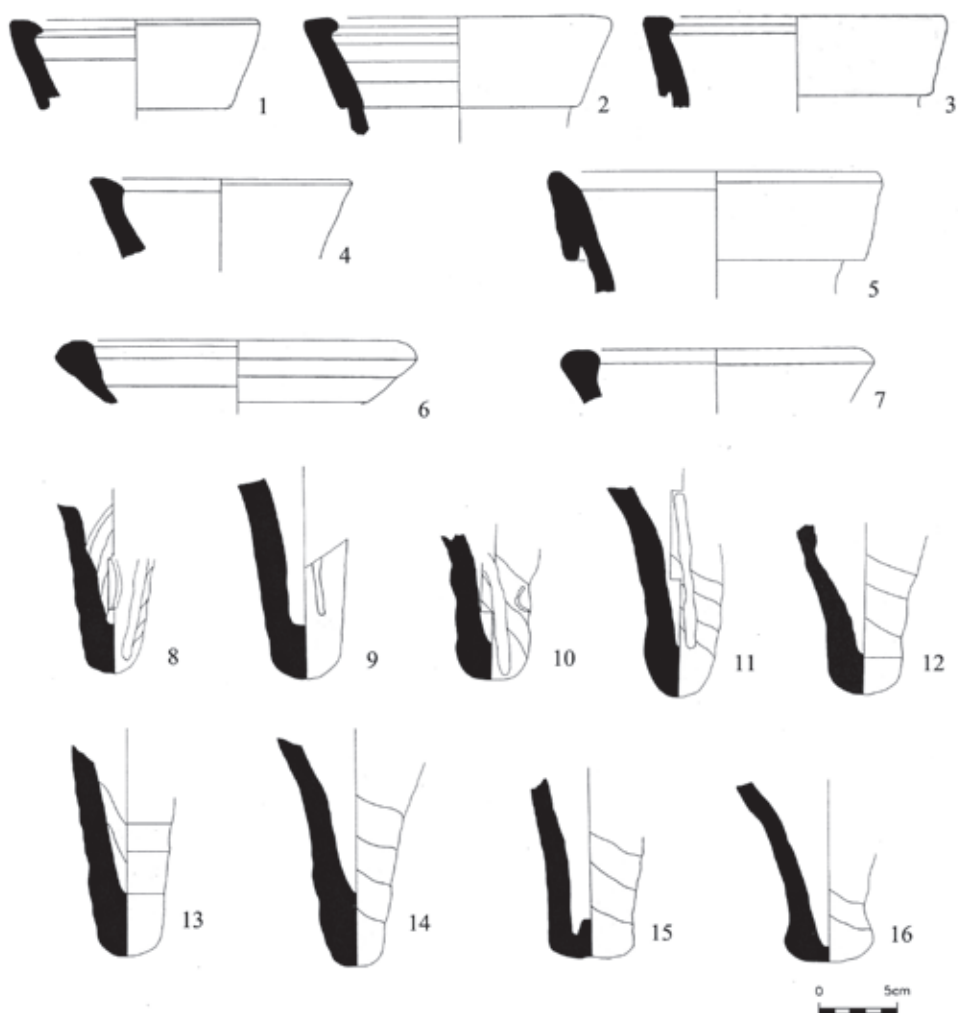


Figura 15 – Fragmentos de ânfora de S15, camada I: N^{os} 1-4, Peniche 2; n^o 5, Peniche 3; n^o 6, Peniche 12; n^o 7, bordo indefinido; n^{os} 8-16, pés indefinidos.

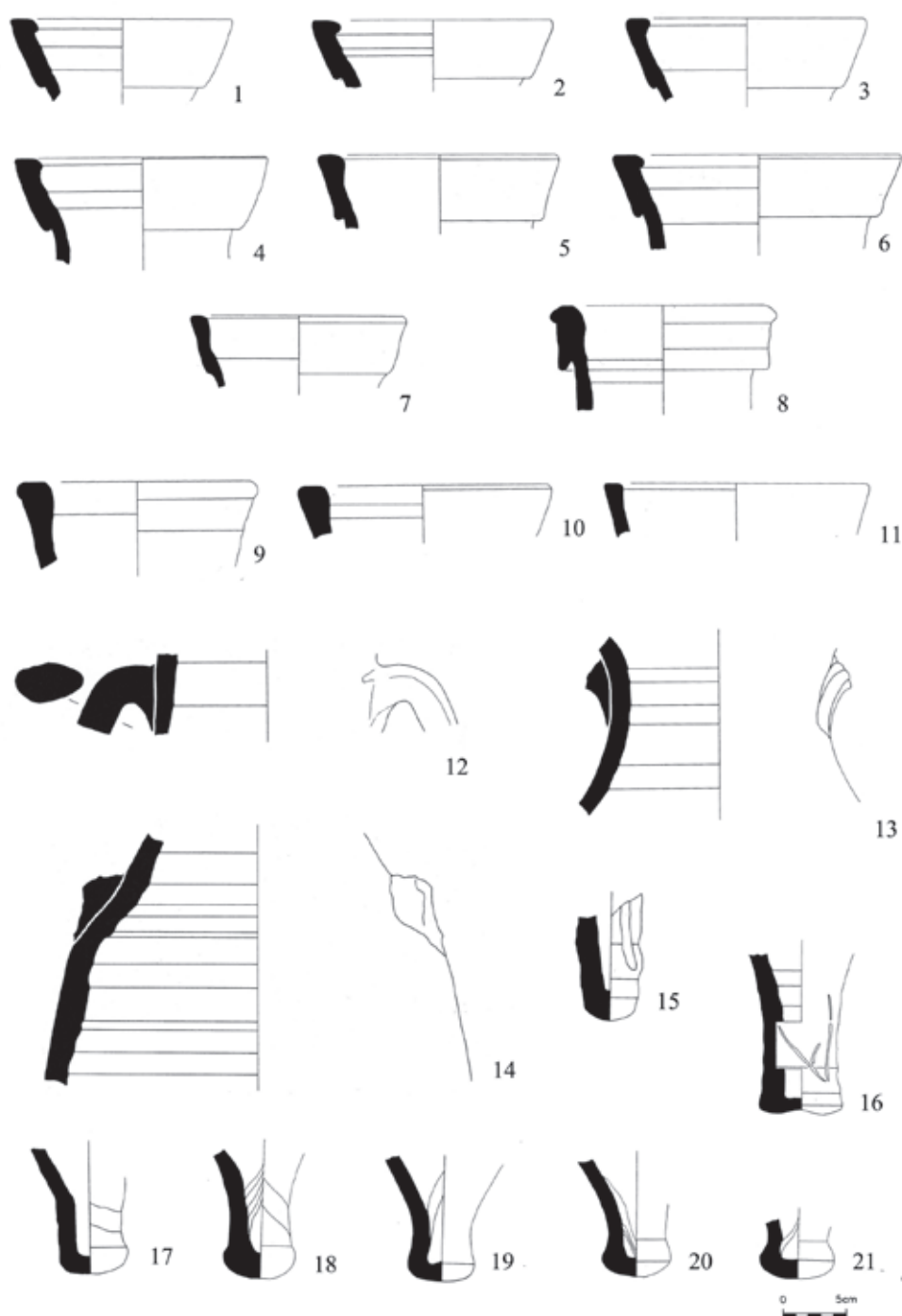


Figura 16 – Fragmentos de ânfora de S15, camada II: N^{os} 1-7, Peniche 2; n^o 8, Peniche 3; n^{os} 9-11, bordos indefinidos; n^{os} 12 e 13, colos indefinidos; n^o 14, bojo indefinido; n^{os} 15-21, pés indefinidos.

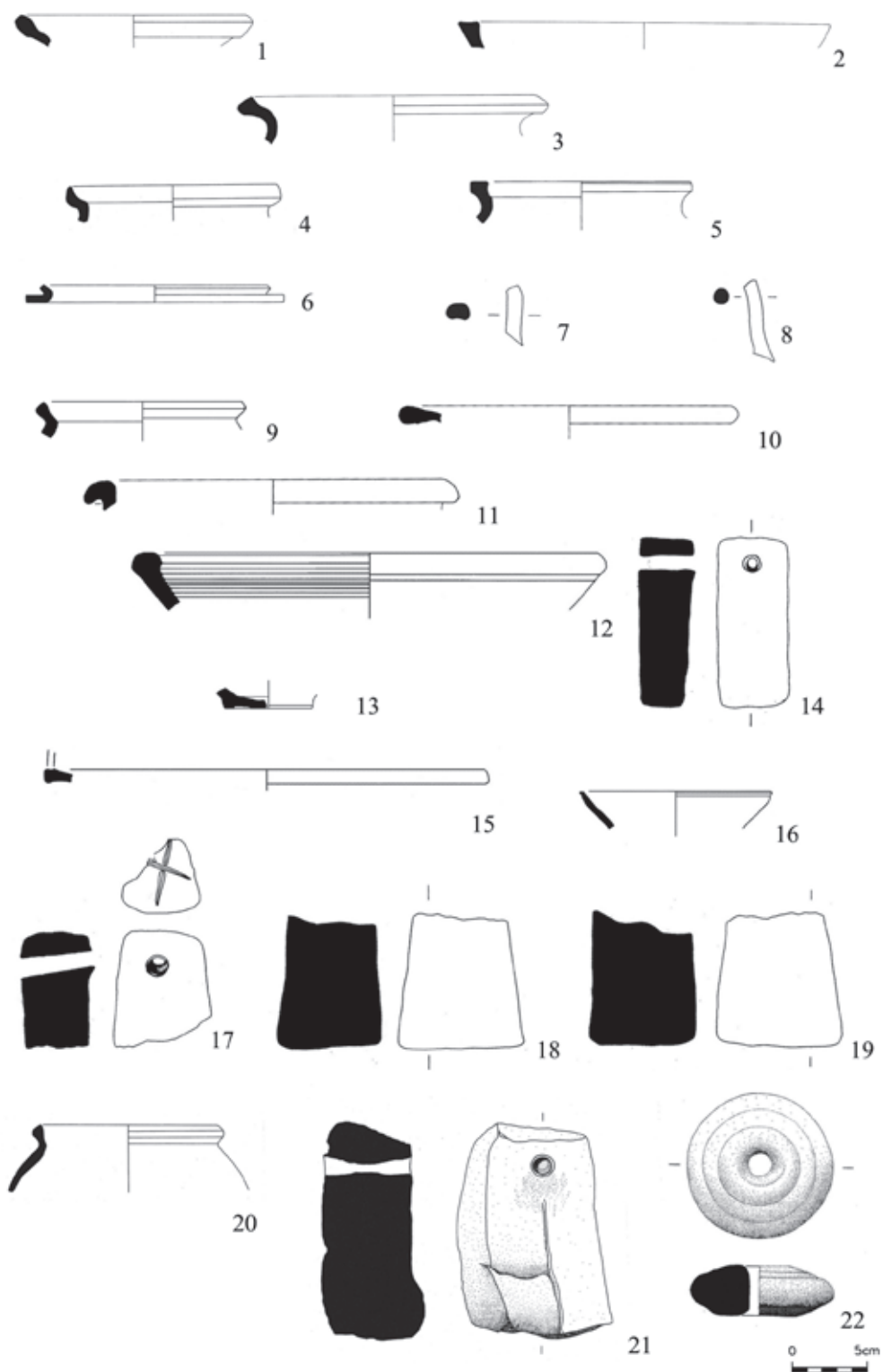


Figura 17 – Fragmentos de cerâmica comum: N^{os} 1-3, S13; n^{os} 4-8, S14, camada I; n^{os} 9-14, S14, camada II; n^{os} 15-19, S14, camada III; n^{os} 20-22, S15.

Tipos Cerâmicos		Sondagens								Total	%
		S13		S14		S14A		S15			
		NMI	%	NMI	%	NMI	%	NMI	%		
Ânfora	Peniche	67	91,8	68	69,4	22	81,5	39	52,0	196	71,8
	Tejo/Sado	1	1,4	–	–	–	–	–	–	1	0,3
	Bética	1	1,4	2	2,0	–	–	1	1,3	4	1,5
Cerâmica Comum		4	5,4	28	28,6	5	18,5	35	46,7	72	26,4
Total		73	100,0	98	100,0	27	100,0	75	100,0	273	100,0

Tabela 1 – MNI referentes a ânforas e a cerâmica comum (percentagens por sondagem).

ÂNFORAS	S13	S14	S14A	S15	Total	%
Peniche 2	5	7	2	13	27	13,8
Peniche 3	1	–	1	2	4	2,0
Peniche 4	–	1	–	–	1	0,5
Peniche 7	4	4	–	–	8	4,1
Peniche 10	1	19	2	–	22	11,2
Peniche 12	8	21	5	2	36	18,4
Peniche ind.	48	16	12	22	98	50,0
Total	67	68	22	39	196	100,0

Tabela 2 – MNI referentes a ânforas de Peniche recolhidas nas sondagens S13, S14 e S15 e percentagens.

3. CONCLUSÕES POSSÍVEIS

O facto de não terem sido terminados os trabalhos arqueológicos nas sondagens de diagnóstico realizadas em S14 e S14A impede-nos de concluir, com afirmações bem suportadas, sobre todos os materiais arqueológicos e momentos observados nestes espaços, nomeadamente no que se refere às cronologias associadas à fundação do edifício identificado.

Acresce a esta circunstância o grande volume de sedimentos contemporâneos e antigos deslocados por terraplanagem e que se encontravam misturados com as camadas mais recentes da olaria na área intervencionada.

Os cortes que apresentámos com base na altimetria, quer de como se apresentava o terreno na década de setenta do século passado, quer com as cotas altimétricas actuais, mostram bem as profundas transformações deste espaço que, embora não conservando o perfil original, ao tempo da labora-

ção da olaria, preservariam ainda importantes vestígios arqueológicos que entretanto se perderam com os trabalhos de terraplanagem.

Uma análise mais pormenorizada das tabelas, feita com base na contabilização dos NMI, quer das ânforas, quer das cerâmicas comuns, demonstra que a sua maior concentração se circunscreve aos limites das paredes da edificação (S14). Refira-se ainda o facto de, para além da cerâmica comum ser contabilizada como a segunda maior concentração em S14, é no entanto aqui neste espaço que surge a maior percentagem de ânforas importadas, todas elas provenientes da Bética.

A pendente natural do subsolo e os recentes trabalhos de construção, regularização e delimitação da Rua Calouste Gulbenkian afectaram, sem dúvida, a convergência de espólios, uma vez que naturalmente existiria aqui, na S13, uma maior concentração do que a que veio a verificar-se – sendo o NMI de ânforas em S13 quase idêntico ao de S14 e havendo um desequilíbrio quanto aos valores da cerâmica comum.

Fica portanto nítido que as cronologias para as últimas produções desta olaria, uma vez demonstrada a predominância das formas mais tardias inscritas na tipologia das ânforas do Morraçal (Peniche 10, dos Flávios até aos finais do século II, e Peniche 12, da segunda metade do século II até aos inícios do século III), é consistente com a dos tipos de ânforas rejeitadas nas últimas fornadas do Forno 1, algumas das quais encastradas até nas paredes do próprio forno.

Só a continuação dos trabalhos arqueológicos e a sua extensão a espaços contíguos é que nos

permitirá vir a compreender, eventualmente, as funcionalidades deste edifício de taipa, assente sobre alvenaria de pedra seca, e a sua relação com as restantes estruturas da olaria.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1976) – Les amphores. In ALARCÃO, Jorge; ÉTIENNE, Robert, eds. *Fouilles de Conimbriga*. Paris. 6, p. 79-91.

BUGALHÃO, Jacinta; LOURENÇO, Sandra (2006) – As ânforas romanas da Ilha da Berlenga. In TAVARES da SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina, eds. – *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (2004, Maio 7 a 9). Setúbal Arqueológica. Setúbal. 13, p. 279-294.

BURACA, Ida; CORREIA, Virgílio (no prelo) – As ânforas Lusitanas na cidade romana de Conimbriga. In *International Congress Lusitanian amphorae production and diffusion 10-13th – October 2013*, Tróia, Portugal.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2012) – Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Albert, eds. – *Cerámicas hispanorromanas II. Producciones regionales. Monografías Historia y Arte*, Cádiz, p. 407-433.

CARDOSO, Guilherme; GONÇALVES Ludgero; RODRIGUES, Severino (1998) – Forno romano de cerâmica descoberto em Peniche. *Al-Madan*. Almada. IIª série 7, p. 178-179.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2002) – 4ª Campanha de sondagens arqueológicas na olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche). *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 11, p. 6.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico (2006) – A olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche). In TAVARES da SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina, eds. – *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (2004, Maio 7 a 9). Setúbal Arqueológica. Setúbal. 13, p. 253-278.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico; RIBEIRO, Inês (no prelo) – The amphorae production during the Principate in Peniche. Raw materials, kilns and amphorae typologies. In *International Congress Lusitanian amphorae production and diffusion 10-13th – October 2013*, Tróia, Portugal.

CARVALHO, Pedro – Construções de terra da época augustana na capital da *civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Portugal), 6ATP, 9 SIACOT, (Coimbra, Fevereiro de 2010). CD anexo às Actas, p. 1-9.

HUSI, Philippe (2001) – Quantification et datation en céramologie (Le nombre minimum d'individus: la technique de quantification la mieux adaptée à la datation des contextes archéologiques à partir de l'exemple de Tours). (*Les petits cahiers d'Anatole*. 6). Tours.

LAUBENHEIMER, Fanette (1998) – Les amphores en Gaule. Du comptage à l'interprétation. In ARCELIN, Patrice; TUFFREAU-LIBRE, Marie, eds. – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*. Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998). Bibracte. Glux-en-Glenne. 2, p. 85-91.

PINTO, Inês; LOPES, Conceição (2006) – Ânforas das villae romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora). In TAVARES da SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina, eds. – *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (2004, Maio 7 a 9). Setúbal Arqueológica. Setúbal. 13, p. 197-224.

REVILLA CALVO, Víctor (1993) – *Producción cerámica y economía rural en el bajo Ebro en época romana. El Alfár de l'Aumedina, Tivissa (Tarragona)*. Instrumenta. Barcelona. 1.